

Diários das Visitas Pastorais: Frei Caetano Brandão no “Paraíso Perdido” entre 1784 e 1788

Prof. Dr. Yurgel Pantoja Caldas (UNIFAP)

Resumo:

Além dos Diários das Visitas Pastorais do Bispo do Pará, D. Fr. Caetano Brandão, o *Jornal de Coimbra* se ocupou de diversos escritos do Fr. Caetano Brandão, como as “Reflexões do Bispo do Pará sobre as suas Visitas, insertas nos núms. XVII, XVIII, XIX e XX do *Jornal de Coimbra*” (setembro de 1813); os “Escritos de Exmo. D. Fr. Caetano Brandão”, os quais englobam “Pastorais”, “Ordens”, “Instruções”, “Editais”, “Portarias”, “Representações”, “Informações”, “Avisos Pastorais”, “Editais Pastorais”, “Avisos Régios”, “Decretos” e uma vasta série de correspondências (“Cartas escritas no Pará”), no período em que Caetano Brandão exerceu a função de Bispo do Pará, entre 1783 e 1788, e depois, quando foi nomeado Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas (“Cartas escritas em Lisboa”). Este trabalho procura demonstrar como a ideia dos estereótipos sobre a região do Grão-Pará interferiram na produção dos seus Diários.

Palavras-chave: Visitas Pastorais, Frei Caetano Brandão, Paraíso Perdido, Grão-Pará

1 Introdução

- 2 Escritas entre os anos de 1784 e 1788, os “Diários das Visitas Pastorais do Exmo. D. Fr. Caetano Brandão, no seu Bispado do Pará” foram publicados do *Jornal de Coimbra*, nos números XVII, XVIII, XIX e XX, no ano de 1813¹. Trata-se de uma série de quatro expedições, que o próprio autor chamou de “Visitas Pastorais”, no intuito, dentre outras coisas, de conhecer seu “rebanho” espiritual – que, em geral, encontra-se desorientado e, por isso, cheio de vícios – na vasta Diocese do Grão-Pará e Rio Negro, sem deixar de dar a conhecer a este rebanho o seu “Pastor” –, nas palavras do próprio frei Caetano Brandão, ele mesmo, “Sol do seu Bispado” (*Jornal de Coimbra*, 1813).
- 3 O contexto no qual o Fr. Caetano Brandão produz seus textos dos “Diários das Visitas Pastorais” dá a medida dos desejos em vigor, naqueles idos da segunda metade do séc. XVIII – assinalados pela necessidade de conhecimento científico de um mundo até então, embora já sabido, mas nem por isso devidamente explorado. Esse é o tom, por exemplo,

¹ O *Jornal de Coimbra* – que altera ligeiramente o título constante no documento manuscrito n. 58 do Arquivo Distrital de Braga, “Diário das Visitas Pastorais do Bispo do Pará, D. Fr. Caetano Brandão” – se ocupou de diversos escritos do Fr. Caetano Brandão, como as “Reflexões do Bispo do Pará sobre as suas Visitas, insertas nos núms. XVII, XVIII, XIX e XX do *Jornal de Coimbra*” (setembro de 1813); os “Escritos de Exmo. D. Fr. Caetano Brandão”, os quais englobam “Pastorais”, “Ordens”, “Instruções”, “Editais”, “Portarias”, “Representações”, “Informações”, “Avisos Pastorais”, “Editais Pastorais”, “Avisos Régios”, “Decretos” e uma vasta série de correspondências (“Cartas escritas no Pará”), no período em que Caetano Brandão exerceu a função de Bispo do Pará, entre 1783 e 1788 [cf/confirmar datas corretas], e depois, quando foi nomeado Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas (“Cartas escritas em Lisboa”). Destacam-se ainda as “Memórias” escritas pelo Fr. Brandão, que também foram publicadas no mesmo periódico. No jornal *Correio Brasileiro*, é republicada uma referência às “duas últimas Reflexões do Exmo. D. Fr. Caetano Brandão”, saída no referido *Jornal de Coimbra*, 1813.

das Expedições dos Naturalistas que, com Alexandre Rodrigues Ferreira, assumem um caráter definitivo, senão no aspecto etnográfico e em outras áreas, ao menos na demarcação territorial – um dos grandes problemas enfrentados pelo Estado português, desde o princípio da colonização da América. Tal contexto é o mesmo das Comissões de Demarcação (em questão já histórica com o reino espanhol), que buscava um termo nas disputas territoriais em relação à vasta área setentrional do Brasil.

4

5 Os Diários

- 6 Numa primeira leitura do texto do Bispo do Pará, chama atenção a forma que o Fr. Caetano Brandão escolhe para apresentar seu objeto: o “Diário”, o qual, durante as quatro visitas mantém basicamente a mesma estrutura de discurso, com uma ordem de apresentação que só é perturbada pela necessidade de se falar de problemas de saúde da comitiva e do próprio frei – que passam a ser acometidos de muito incômodos, já na visita inaugural, os quais evoluem para quadros terríveis de males como as “sezões”². Nesse caso, com a indesejada inserção do tema da saúde e da doença no corpo dos *Diários das Visitas Pastorais*, a estrutura do próprio “Diário” passa a assumir uma espécie de “naturalidade”, obrigando o narrador (Fr. Caetano Brandão) a incorporar em seu texto informações acerca desses problemas (um “corpo estranho”³) à programação inicial de sua escrita. Daí decorre que o próprio conteúdo dos elementos dispostos nos *Diários*, via de regra, assume o discurso do colonizador, relacionado diretamente às necessidades da política do período (segunda metade do séc. XVIII), primando pela ocupação territorial e pelo controle da produção econômica da região, em função da demanda metropolitana, no contexto da disputa política com a Espanha pelo direito de exploração dessa parte da colônia.
- 7 Para quem pretende apresentar a expressão mais clara da verdade – que se estabelece por meio da figura de uma “testemunha ocular” da História –, nada mais apropriado que o texto escrito em forma de “diário”, o qual sugere, pela quantidade (escrita com informações dos acontecimentos menos ou mais importantes, ocorridos em quase todos os dias da viagem), um bom número de dados a serem analisados; além de indicar, pela frequência e pela constância da escrita, certo grau de confiabilidade, que se reforça pelo frescor da narrativa, à medida que os fatos vão ocorrendo. Assim se intenta construir, pelo conjunto dos *Diários das Visitas Pastorais*, uma escrita carregada de “verdades”, de preferência, sem deixar espaço para quaisquer contestações – marca importante para um autor setecentista, representante de Deus nos confins do Mundo.
- 8 Desde o início de sua primeira visita pastoral, o Fr. Caetano Brandão apresenta um padrão

² Consideradas por Luís Graça como “febres intermitentes (ou *sezonismo*)”, as sezões eram “geralmente associadas à malária ou *paludismo*” (cf. GRAÇA, in <http://www.ensp.unl.pt/lgraca/textos15.html>). Para Renato Soares de Melo (2007, p. 4), “as pessoas descreviam-na como ‘palustres’, ‘intermitentes’ ou ‘remetentes biliosas’, ‘perniciosas’, ‘pútridas’ e ‘malignas’. Algumas dessas expressões apontam para a malária [...] doença infecciosa endêmica [que] também é febril, causada pela presença no sangue de protozoários da ordem dos esporozoários e do gênero plasmodium, transmitidos pela picada de mosquitos infectados, do gênero anoplheles.”

³ Ainda no “Epítome histórico da vida do Exm. D. Fr. Caetano d’Anunciação Brandão” – também publicado no *Jornal de Coimbra* (num. XVII, maio de 1813, vol. IV) –, a condição frágil da saúde do Bispo do Pará estava presente, ao mencionar que o Fr. Caetano Brandão – após retornar a Portugal, a partir de 1789, quando foi nomeado Arcebispo de Braga, portanto logo após sua temporada no Grão-Pará, “sucumbiu ao peso de tantas fadigas; pelo que foi obrigado, para evitar a total ruína de sua saúde, a mudar-se para o convento de Viana d’Alentejo.” A seguir, o mesmo texto trata da morte do venerável Prelado, sem deixar de louvar a persistência de seu ofício sagrado: “o temor da morte com que os médicos o ameaçavam [...] nunca o pôde alterar; só grave moléstia, e tal que o tolhesse, o impedia; e apenas recobrava alguma força, continuava respondendo aos amigos e professores que morreria no seu ofício.”

de “Diário” que se manterá até a quarta e última visita, mais de quatro anos e meio depois de iniciado o grande périplo diocesano – sofrendo poucas modificações na sua estrutura. Em seu relato cotidiano, o Bispo do Pará, após determinar tempo (para cada visita, há uma data, com dia e mês do ano respectivo, além de anotações com passagens das horas: manhã, tarde, noite e madrugada⁴) e espaço (“vilas”, “lugares”, “povoações”, “sítios” e “fazendas”), invariavelmente começa suas expedições partindo sempre do “Porto da Cidade” [Belém] em busca das mais diversas paragens de sua vasta diocese.

- 9 O padrão impresso pelo Bispo do Pará em seus “Diários” dá conta das informações as mais variadas possíveis acerca do espaço percorrido e do *modus vivendi* das gentes que ocupam aqueles lugares, ou que lá estão temporariamente, como é o caso dos militares dos Destacamentos em serviço das Comissões de Demarcação. Assim, é comum encontrar nos “Diários das Visitas Pastorais” dados sobre a geografia (“Boca do rio Arari [...] o maior de todos que cortam esta grande ilha [do Marajó]” (*in Jornal de Coimbra*, 1813), sua gente: “Achei aqui uma alma com a consciência muito pura, e de uma conformidade rara entre os grandes trabalhos que padece” (*in Jornal de Coimbra*, 1813), e os aspectos produtivos: “É terra pobre; talvez por falta de espírito nos moradores; pois se trabalhassem podiam ter abundância de arroz” (*in Jornal de Coimbra*, 1813). Tal padrão faz dos “Diários” do Fr. um preciso relato sobre a vida no “sertão” do Brasil.

10

11 O Frei

- 12 Conforme observa Luís de Oliveira Ramos (1991, p. 20), na “Introdução” aos *Diários das Visitas Pastorais de D. Fr. Caetano Brandão*, “[n]ão há uma única menção a membros da Judicatura nas páginas dos *Diários*.” Tal fato, que Ramos considera ainda como “estranho” e “revelador”, em relação à ausência jurídica nos *Diários das Visitas Pastorais*, pode apontar para um lugar específico (e diferente) ocupado pelo próprio Fr. Caetano Brandão durante os anos em que esteve visitando sua diocese: o de “ouvidor”, “juiz” e, em muitos casos, “força policial” de cunho episcopal, que se apresenta para impor uma ordem que, para além de religiosa, seria também jurídico-policialesca.

- 13 Não é por acaso que, da forma de apresentação dos textos dos *Diários*, retiram-se diversas observações quanto à organização sócio-familiar: em Moreira, o Fr. Caetano Brandão conta com “o maior número demoradores brancos, ainda que pobres [...] casas de palha mal alinhadas, tirando duas ou três”⁵; ética: no lugar de São Bento, quando pedia donativos aos “pobres enfermos”, o Bispo do Pará diz que foi destrutado por um morador rico, o qual teria justificado sua não contribuição à causa porque “tinha muitos filhos”⁶ e, obviamente, religiosa: em Beja, o relato dá conta de uma “igreja [...] pequena, arruinada em muitas partes, pobríssima de tudo”⁷, lembrando a imagem bíblica da manjedoura onde nascera o menino Jesus; “contudo, os índios mostravam estar instruídos suficientemente nas verdades da nossa Religião”⁸, graças ao trabalho do vigário do Lugar.

- 14 Daí resultam outros comentários do Bispo do Pará, os quais poderiam mesmo ter certo

⁴ Há, inclusive, uma curiosa marcação que se dá no final da quarta visita, quando o Fr. Caetano Brandão sai da vila de Souzel – já de retorno a Belém – e “*pelas nove da tarde* chegamos à vila de Pombal” [grifo nosso] (datada de 30/01/1789).

⁵ *In Jornal de Coimbra* (Quarta Visita, em 1788).

⁶ *In Jornal de Coimbra* (Terceira Visita, em 1787). Na sequência do relato, o Fr. Caetano Brandão, sendo recebido de maneira bem diferente pelos “pobrezinhos”, conclui: “de ordinário acho mais liberalidade nas pessoas de uma medíocre fortuna que nos ricos, o que serve de me convencer cada vez mais da verdade daquela ameaça que o Evangelho faz contra estes últimos [os muito ricos].”

⁷ *In Jornal de Coimbra* (Primeira Visita, em 1784).

⁸ *Id. Ibid.*

valor jurídico nos confins do Grão-Pará e Rio Negro, na segunda metade do século XVIII. A estrutura administrativa do Estado, à época dos *Diários das Visitas Pastorais*, estava a cargo do famoso “Diretório que se deve observar nas povoações dos índios do Pará e Maranhão, enquanto Sua Majestade não mandar o contrário”, ou simplesmente “Diretório”, assinado por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, contendo 95 artigos, os quais, dentre outras regulamentações, atribuíam três maiores representantes nas povoações instituídas pelo Estado. Tais entidades seriam o Diretor, o Pároco e o Principal.

15

16 O Paraíso Perdido

17 Durante as quatro expedições que deram origem aos *Diários das Visitas Pastorais*, surgem vários elementos relacionados à ideia do espaço visitado como “Paraíso Perdido”, que se vislumbram logo quando as primeiras impressões do fr. Caetano Brandão são postas no papel. Assim, à maneira dos cronistas que se preocuparam em apresentar à Coroa o espaço recém-descoberto, a partir do século XV, o Bispo do Pará se deixa envolver pelo espaço físico exuberante da floresta, incluindo as perspectivas mercadológicas dali advindas. É assim quando o Fr., em visita à fazenda de Manoel Alves Bandeira, em Barcarena: “bem colocada, vasta e fecunda, porém muito mal tratada”⁹; bem como em Vila do Conde, que possui um terreno “fecundo em maniva e apto para cacau e café.”¹⁰

18 Os espaços descritos

19 A vila de Macapá, por exemplo, ganha atenção do Fr. Caetano Brandão por seus aspectos físicos, que promovem um “lugar deliciosíssimo [de] terreno airoso, coberto de diferentes árvores muito viçosas, e algumas cheias de flores sumamente agradáveis.”¹¹ Na mesma região, o rio Pauaru, no início da expedição, surge ao Bispo do Pará como “um dos mais belos [com] variedades de arbustos viçosos e odoríferos.”¹² A exuberância espacial é tamanha que o Fr. não se furta a considerar: “Que precioso torrão! Tudo produz com muita abundância e facilidade”¹³ – lembrando a Carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei D. Manuel e a tradição inaugurada pela crônica do século XVI e seguintes sobre o tema (PAPAVERO *et al.*, 2002). Mais tarde, será o rio Aramucu (vila de Arraiolos) “um dos mais belos que temos encontrado. Que espetáculo deliciosíssimo! Porém que perda! Campos tão belos sem cultura; pastos os mais deliciosos, e nem só uma rês se alcança com a vista.”¹⁴ Aqui, ao lado do relatório ufanista, o lamento pela escassez de mão de obra consiste num elemento bastante presente na narrativa do Fr. Caetano Brandão – questão que será desenvolvida adiante.

20 No lugar de Odivelas, o Bispo do Pará decreta: “Verdadeiramente se pode dizer que o Estado do Pará é uma situação disposta pela natureza com todas as comodidades para vir a ser o Jardim mais belo do mundo.”¹⁵ A presença da figura do “Jardim” ligada, pela percepção do Fr., ao Estado do Pará pode autorizar uma relação mais clara entre aquele elemento e este espaço, o qual se configura como um “Jardim do Éden” em potencial, ou um Paraíso (perdido) na Terra, emanando leite e mel. Mais tarde, quando chega à fazenda

⁹ *In Jornal de Coimbra* (Primeira Visita, em 1784).

¹⁰ *Id. Ibid.*

¹¹ *In Jornal de Coimbra* (Primeira Visita, em 1784).

¹² *Id. Ibid.* No mesmo local, “e em todo o tempo até ao dia, não se ofereceu mais nada digno de memória, excetuando a vista do quadro agradável que formam constantemente as margens daqueles rios, povoadas de arvoredos sempre viçosos e floridos em todo o ano” (Cf. *Jornal de Coimbra* [Primeira Visita, em 1784]).

¹³ *Id. Ibid.*

¹⁴ *In Jornal de Coimbra* (Primeira Visita, em 1784).

¹⁵ *In Jornal de Coimbra*, núm. XVIII, junho de 1813 (Segunda Visita, em 1784).

do capitão José Francisco, o narrador opina: “Que vastas e preciosas campinas!”¹⁶, lembrando a percepção da fazenda de Manoel Bandeira, em Barcarena, no início de sua Primeira Visita, mas desta vez sem menção a um espaço maltratado.

- 21 Em suas primeiras impressões expostas no relato dos *Diários*, o cenário se destaca como elemento que realça o aspecto paradisíaco nas expedições do Fr. Caetano Brandão, regatando o início narrativo dos primeiros viajantes europeus na América. Assim, entre o maravilhamento e a admiração do exótico, ao narrador “tudo conspira a fazer aquele lugar agradável”¹⁷, já na Primeira Visita, na qual também chama a atenção a longevidade indígena, a que o Bispo do Pará faz referência com grande admiração, relatando que em Barcarena teria crismado um índio de 125 anos de idade. Vale lembrar que tal menção resgata as narrativas de informação que povoaram o imaginário sobre o espaço americano, a partir da apresentação de diversos aspectos fantásticos sobre o dito lugar recém-descoberto e sua gente “estranha”.
- 22 A longevidade nativa, ao arrebanhar a admiração presente no mencionado relato do Fr. Caetano Brandão, passa a ser uma questão não rara nos *Diários das Visitas Pastorais*, como reforço ao idílio que o texto do Prelado evoca. Assim, o périplo da comitiva passa por sítios amenos onde reina as dádivas da natureza para a gente da terra, em certa medida um tom de equilíbrio ecológico que beira a indolência humana, tema de varias reflexões nos mesmos *Diários*. Voltando a uma condição hiperbólica, que de certa maneira ainda marca as narrativas sobre a América, em Santana do Cajari o Bispo do Pará indica o encontro com uma índia de 200 anos de idade.
- 23 A admiração pela natureza – elemento que, de tão exuberante e diferente, precisa ser narrado no texto, pois inevitavelmente chama a atenção do relator, que é externo àquele espaço bruxuleante – já se faz presente nas “Reflexões do Bispo do Pará sobre as suas Visitas...” Num total de seis textos, que foram escritos no decorrer da Quarta Visita, no ano de 1788, e em condições as mais adversas possíveis, posto que o Fr. Caetano Brandão se encontrava bastante enfermo, mas com tempo para elaborar tais textos, como ele mesmo indica¹⁸, as “Reflexões” escritas pelo próprio Prelado revelam o encanto que o contato com a natureza provoca no narrador.
- 24 Enquanto a “Reflexão I” apresenta seu tom moralizante, base mesmo das “Reflexões” do Fr. Caetano Brandão, que ao mesmo tempo em que introduzem os textos dos *Diários das Visitas Pastorais* podem concluí-los, a partir da “Reflexão II”, logo em seu início, o narrador deixa-se levar pelo caráter inebriante da selva que o envolve: “Aqui vou com os olhos fitos no Amazonas. [...] Que magnífico espetáculo oferece aqui a Natureza!”¹⁹ Numa espécie de hipnotismo involuntário, mas não menos eficiente, o espaço assume ares de personagem e comanda as ações do narrador, que escreve: “Mas eu considero agora o rio em si mesmo, como ocorre pomposo e soberbo, revolvendo em suas empoladas ondas os madeiros pesadíssimos, e ameaçando estrago a tudo que se lhe põe diante!”²⁰, lembrando a

¹⁶ *Id. Ibid.*

¹⁷ *In Jornal de Coimbra* (Primeira Visita, em 1784). Nesse caso específico, o Bispo do Pará faz referência à fazenda de Custódio Pacheco Madureira, situada no rio Carnapijó, um dia depois da saída do “porto da Cidade” (Belém), em 02/07/1784.

¹⁸ Numa espécie de “Introdução” às suas “Reflexões”, o Fr. Caetano Brandão revela as condições de produção do referido texto, nos termos a seguir: “Como na presente visita tenho mais tempo e repouso, por ficarem alguns lugares em distância considerável uns dos outros, quero fazer algumas reflexões morais sobre os objetos que se me vão oferecendo à vista.” Logo a seguir, o Bispo do Pará indica: “Reflexões feitas no decurso desta última visita”, que consiste na Quarta Visita, ao Rio Negro (Cf. *Jornal de Coimbra*, núm. XXI, setembro de 1813).

¹⁹ *In Jornal de Coimbra*, núm. XXI, setembro de 1813.

²⁰ *Id. Ibid.*

descrição do fenômeno da pororoca, maravilhoso e assustador para o Bispo do Pará – metonímia da impressão que a vastidão de elementos quase sempre causa no observador forasteiro.

25

26 Distinções entre os Diários

27 Voltando às expedições do Fr. Caetano Brandão – apesar da unidade narrativa que adota os *Diários das Visitas Pastorais* –, pode-se estabelecer uma divisão entre os dois primeiros diários e os dois últimos. Sendo que aqueles se ocupam em fornecer as informações necessárias ao conhecimento do espaço físico palmilhado, com destaque para as condições de vida da população encontrada e sua organização social; sendo que na terceira e quarta visitas, já se encontra maior interesse em mostrar a condição dramática da própria viagem do Bispo do Pará e sua comitiva, quando se chega ao Rio Negro, sobretudo. Talvez por causa disso as duas últimas visitas pastorais ganhem maior carga emocional e maior número de páginas, em relação às duas visitas antecedentes. Dessa forma, poucos são os momentos, na terceira e quarta visitas, em que o narrador fala de um espaço aprazível e tranquilo – passagens que garantem presença constante nas duas visitas inaugurais. A rigor, apenas na vila de Serpa o Fr. fala das potencialidades comerciais do lugar, que possui tabaco e café, além da capacidade para a “salga de peixe”, a manteiga e o guaraná, sem deixar de lamentar a “falta de braços” que assola tanto Serpa quanto toda a vasta capitania.²¹

28 Se a narrativa calma e tranquila, presente nas duas primeiras visitas do Fr. Caetano Brandão, deixa de existir, e uma mais volumosa e dramática consegue maior espaço a partir da terceira visita, há que se investigar os motivos dessa mudança e o teor do drama, que certamente também está ligado a uma visão paradisíaca do espaço. O idílio da narrativa do Fr. com o próprio espaço, entendido aqui no sentido mais lato de relação harmoniosa entre homem e natureza – que muitas vezes passa pela oferta de “frutos da terra”, dos habitantes nativos para a comitiva do Bispo do Pará (“Causou-me muito gosto e justamente ternura ver a inocente simplicidade com que os índios vinham me oferecer galinhas, pintainhos, farinha, pacovas e outros frutos da terra”²², ou “Fizeram aqui os índios as mesmas ofertas de balaios de farinha, de galinhas, tartarugas, etc. com abundância, e com costumada singeleza”²³) – cede lugar a uma descrição em que a doença, as ameaças de ataques indígenas e a força incontável da natureza são moeda corrente no discurso dos *Diários*.

29 Se na chegada a Macapá, em sua primeira visita, o Fr. Caetano Brandão recebe de presente palmitos de açaí (“a coisa mais excelente que tenho provado deste gênero”²⁴), na freguesia de São Domingos, entre os rios Capim e Guamá, na terceira visita, o narrador evoca a terrível experiência do fenômeno da pororoca, que “faz ali um impulso veementíssimo.”²⁵ Desse mesmo local, pode-se vislumbrar tal força natural “e os estragos que [a pororoca] costuma fazer por toda aquela vasta e dilatada baía.”²⁶ A Terceira Visita é mesmo farta de referência em relação à pororoca, já desde seu início quando o Bispo do Pará avista a “Ilha

²¹ *In Jornal de Coimbra* (Quarta Visita, em 1788).

²² *In Jornal de Coimbra* (Primeira Visita, em 1784).

²³ *Id. Ibid.*

²⁴ *Id. Ibid.*

²⁵ *In Jornal de Coimbra* (Terceira Visita, em 1787). A única referência textual à força destrutiva da natureza, presente na Primeira Visita do Fr. Caetano Brandão, dá-se em no lugar de Frágoso, onde em “toda manhã e tarde não houve mais que notar do que a continuada cadeia de estragos que aquele grande rio [Amazonas] vai fazendo por todas as suas margens” (cf. *Jornal de Coimbra*, Primeira Visita, em 1784).

²⁶ *Id. Ibid.*

da Pororoca”, que exhibe “um dos fenômenos mais espantosos, e verdadeiramente para a Filosofia”, onde se “levantam três e às vezes quatro serras d’água de demarcada altura, seguidas umas às outras, correndo com incrível velocidade e fazendo tal estampido que se ouve de muito longe. [...] É irresistível e fatal a qualquer embarcação que apanha diante.”²⁷ Chegando a formar “três ou quatro redemoinhos violentíssimos”, a devastação natural que a pororoca provoca consiste em boa parte da preocupação do Fr. Caetano Brandão de sua Terceira Visita, mas também está ainda presente na quarta e última visita, como quando o narrador avista a vila de Ega, fazendo-lhe exclamar: “Que estragos horrorosíssimos vai fazendo este rio por toda a margem!”²⁸

30

31 Os perigos

32 Além da impressionante experiência da pororoca na Terceira Visita, é na quarta expedição que o Fr. Caetano Brandão relata com mais detalhes os perigos naturais da navegação à capitania do Rio Negro – projeto anteriormente abortado por causa do lastimável estado de saúde do Prelado. Nesse caso, ganham destaque as temíveis tempestades, as quais começam a ser descritas às imediações da vila de Gurupá, quando a comitiva é atingida por “uma formidável trovoada” pela qual “tudo ameaçava ruína maior, senão quando desfecha num dilúvio d’água, e ficamos salvos.”²⁹ No caminho a Borba, o coletivo de navegação do Prelado sofre com o tempo ditado pelas intempéries, com um “calor insuportável” e, no dia seguinte, uma “grande trovoada, toldando-se o ar de negro muito escuro.”³⁰ Além disso, é no rio Xingu, ainda na Primeira Visita, que o Fr. e sua comitiva enfrentam uma das piores viagens até então; mas nada comparáveis ao que lhes reservaria o destino na Terceira Visita, como vimos.

33 Quando chegam à entrada do Solimões, os do grupo do Bispo do Pará parecem correr maiores perigos de naufrágio fatal, passando por uma sequência de tempestades narradas assim pelo Fr. Caetano Brandão: “estivemos em grande perigo, não tanto pelo furor das ondas, como por nos acharmos em fundo cheio de paus”³¹, sem contar o desabamento das margens do rio, que tornava a passagem ainda mais mortífera. Dois dias depois do fato, uma nova tempestade acabaria causando avaria numa das embarcações do Fr. Caetano Brandão, que relata: “quebrou o braço do leme; a canoa do meu Secretário, arrojada no vento, esgarrou sobre a minha, e quase que se despedaçaram ambas.”³² No dia seguinte, novos apuros assolam a equipe: “tínhamos já vencido a maior dificuldade, senão quando quebra a corda e somos arrebatados pelo fio da correnteza um bom pedaço. Acudiu Deus, e não houve perigo.”³³

34 Na subida do Solimões, “bem fatigados das trovoadas, correntezas, calores e pragas, que tudo nestes dias concorreu em abundância”³⁴, os heróis conseguem um retorno seguro a Ega; é quando o estado de saúde do Bispo do Pará – já fragilizado pelas condições desfavoráveis da expedição, dentre outras coisas – se agrava, mas nem por isso as condições de navegabilidade deixam de ser piores. Pois, ao chegarem à vila de Faro, nova refrega de trovoadas atinge as embarcações do Bispo do Pará, na parte setentrional do

²⁷ *Id. Ibid.*

²⁸ *In Jornal de Coimbra* (Quarta Visita, em 1788).

²⁹ *Id. Ibid.* Três dias depois, no caminho entre os rios Urucuriscaia e Amazonas, o grupo do Fr. Caetano Brandão sofre com as constantes tempestades.

³⁰ *Id. Ibid.*

³¹ *Id. Ibid.*

³² *Id. Ibid.*

³³ *Id. Ibid.*

³⁴ *Id. Ibid.*

- Amazonas. Embora declare não haver “mais nada de ponderação”³⁵ que se pudesse narrar no dia 27/07, quando de sua Primeira Visita, o Bispo do Pará não deixa de assinalar as trovoadas e a difícil navegação, considerando a força que é necessária para produzir tais efeitos, tanto que o “espírito se [lhe] enche de horror.”³⁶
- 35 A narrativa passa a ganhar contornos mais perigosos no rio Orenoco, quando surge o relato de alguns doentes da tripulação do Prelado: “estão prostrados alguns doze de sezões e de febres, e outros entram a queixar-se, e isto com tão pouca comodidade para se curarem.”³⁷ Na mesma ocasião, o próprio Fr. Caetano Brandão reclama de alguns sintomas, que jamais o deixariam em paz até a Quarta Visita: “Eu também tenho sentido alguma indisposição, mas de pé sempre.”³⁸
- 36 Chega, então, o período em que a doença passa a ser tema principal dos relatos do Fr., culminando inclusive com a interrupção da Primeira Visita, por ocasião do frágil estado de saúde do Bispo do Pará. Dessa forma, “bastantemente enfermo” na chega à vila de Outeiro, o Fr. Caetano Brandão não saiu à terra àquele dia, senão mais tarde, para cumprir seu ofício sagrado, mesmo passando mal. Em seguida, em visita a Monte Alegre, o narrador constata o drama: “As moléstias vão adiante em toda a comitiva; a cada hora estão caindo; e parece ramo de epidemia. Deus seja louvado.”³⁹
- 37 O drama só faz aumentar na descrição do narrador, que pela primeira vez é obrigado a relatar a morte entre sua tripulação: “Quando cheguei a Monte Alegre, vinha já muito doente; porém um dia depois atacaram-me as sezões [...] chegando a delirar e a dar outros sinais funestos.”⁴⁰ Tratado com “quinas, purgantes e outros remédios”⁴¹, o Fr. Caetano Brandão – depois de perder um índio que caiu mortalmente doente, e estando o mulato Antonio em situação grave de saúde – pensa em “mudar [o] desígnio”⁴² de visitar a Capitania do Rio Negro. No mesmo dia, “morreu outro índio”⁴³ e o próprio mulato Antonio. A morte, enfim, chegava para assombrar as memórias do Bispo do Pará em suas Visitas Pastorais, como parte do “Paraíso Perdido” nos confins amazônicos da segunda metade do século XVIII.
- 38 Numa espécie de “Introdução” à quarta e última expedição – na qual se fala da importância das visitas do Bispo, das dificuldades das expedições e da intenção em finalmente fazer “a grande e difícil viagem ao sertão”⁴⁴ –, o Fr. Caetano Brandão retoma as imposições das doenças e suas implicações no âmbito da programação expedicionária, a qual “ainda está incompletamente por causa da moléstia que me fez retroceder do meio do caminho.”⁴⁵ Já em Barreiras, o Fr. Caetano Brandão faz menção à sua visita anterior ao local, e ao tratamento recebido “por todo o tempo da minha moléstia.”⁴⁶
- 39 Ao lado das inúmeras referências a doenças e males causados pelas condições em que se davam as Visitas Pastorais, não se podem negligenciar algumas menções aos animais que o Fr. Caetano Brandão vai encontrando pelo caminho, e relata em seus *Diários*. Tais referências alcançam um cunho fantástico, ou mesmo fantasioso, na apresentação de certos

³⁵ *In Jornal de Coimbra* (Primeira Visita, em 1784)

³⁶ *Id. Ibid.*

³⁷ *Id. Ibid.*

³⁸ *Id. Ibid.*

³⁹ *Id. Ibid.*

⁴⁰ *Id. Ibid.*

⁴¹ *Id. Ibid.*

⁴² *Id. Ibid.*

⁴³ *Id. Ibid.*

⁴⁴ *In Jornal de Coimbra* (Quarta Visita, em 1788).

⁴⁵ *Id. Ibid.*

⁴⁶ *Id. Ibid.*

elementos próprios dos locais visitados. Assim, a ideia de “Paraíso Perdido”, que o Bispo do Pará elabora e divulga em seus escritos, passa pela configuração que o mesmo dá a alguns bichos como a cobra – animal que surge na descrição do Fr. Caetano Brandão logo na Primeira Visita, quando um menino de oito anos teria sido engolido pelo “bicho monstruoso.”⁴⁷

- 40 Em Monte Alegre, o Bispo do Pará fala com admiração de um peixe-boi, que o Prelado avista em sua despedida do local, dando mostras de que ainda não havia travado conhecimento do dito animal. Quanto ao jacaré, “por não ter visto ainda senão alguns pequenos, reservo para outra vez a sua descrição”⁴⁸, como se apenas os animais dignos de nota – por alguma qualidade destacável, como as dimensões – pudessem figurar na apresentação dos *Diários das Visitas Pastorais*. O relevo anunciado pelo narrador ao animal [jacaré] surge na Segunda Visita, quando o grupo chega à “grande fazenda dos padres mercedários” – cenário da morte de um jacaré pelos escravos: “É muita abundância destes bichos por todos os rios do Marajó; mas aqui mais que em outra parte.”⁴⁹

41

42 Os índios

- 43 Fruto de um ideal anterior ligando as populações autóctones a um pressuposto de “inocência” – que serviu inclusive para justificar o trágico histórico da Conquista ibérica na América, e legitimar a presença invasora nos territórios indígenas –, as descrições nos textos do século XVIII impõem uma condição de tal maneira indefesa aos índios, o que levou Renato Janine Ribeiro a considerá-lo, acertadamente, como sempre “aquele a quem falta algo, e por isso mesmo, ignorando, desconhecendo, precisa ser regido. [...] O inocente é um *não*” (in NOVAES [Org], 1996, p. 223). É, porém, essa mesma inocência que permite, conforme os “Diários das Visitas Pastorais”, a inserção do mal nos índios – “agrestes e duros de índole, e pouco laboriosos” (in *Jornal de Coimbra*, 1813) –, suscetíveis a tais influências profundamente nocivas à alma, ao corpo e também ao bem-estar do Reino. Assim, “os pobres índios [...] cheios de monstros da maldade [...] morrem pelos matos, como brutos, sem buscarem os socorros da Igreja” (in *Jornal de Coimbra*, 1813). Trata-se, em suma, de uma “inocência rodeada de tantos perigos” (in *Jornal de Coimbra*, 1813).
- 44 Se se pode entender que o Mal (“escândalos” e “vícios” praticados pelos homens) é gerado nas “trevas”, esse é o espaço a ser combatido na luta por e com o Bem. Ainda mais porque esse “Mal” está presente na selva (“sertão”), na gente (“índios” e “brancos” que se “mistura[m] com os gentios e ficam praticando as mesmas superstições”⁵⁰) e nas suas ações, muitas vezes marcadas pela indolência e ociosidade. Esse panorama pode explicar as constantes queixas do Fr. Caetano Brandão com relação à falta de mão de obra em muitos lugares visitados, como logo no início da Primeira Visita, quando a comitiva chega a Barcarena e, logo em seguida, à Vila do Conde – lugar elogiado pelo Bispo do Pará, que “é fecundo em maniva e apto para cacau e café”⁵¹, mas de fato não prospera por causa da “inércia e ociosidade dos moradores”⁵², a maioria índios.
- 45 Embora declare sempre a necessidade de suas Visitas aos lugares mais ermos de seu Bispado, muitos dos quais ainda não “tinham ouvido a voz do seu Pastor [...] [na] grande e difícil viagem ao sertão” (in *Jornal de Coimbra*, 1813), inclusive evocando uma indicação

⁴⁷ In *Jornal de Coimbra* (Primeira Visita, em 1784).

⁴⁸ *Id. Ibid.*

⁴⁹ *Id. Ibid.*

⁵⁰ *Id. Ibid.*

⁵¹ *Id. Ibid.*

⁵² *Id. Ibid.*

divina no auxílio inclusive ao índio “mais bárbaro e desprezível que seja” (*in Jornal de Coimbra*, 1813), o Fr. Caetano Brandão por vezes declara sua predileção pelas populações brancas e ordeiras: “Mais tempo faria tenção de me demorar nesta vila [Mazagão], por ser de brancos, e muito civilizados” (*in Jornal de Coimbra*, 1813); ou no povoado de São Miguel da Cachoeira [rio Guamá], terra de “moradores brancos, pela maior parte ricos, muito honrados e cristãos. Não achei muito que repreender” (*in Jornal de Coimbra*, 1813). No entanto, são os próprios brancos os maiores negligentes e desmazelados no serviço da salvação espiritual, quando se misturam aos gentios no mato, praticando “as mesmas superstições, não obstante serem batizados” (*in Jornal de Coimbra*, 1813), ou quando fazem parte de algum Destacamento Militar na região – sempre, no dizer do Fr. Brandão, um lugar onde ferve o vício e a degeneração da alma humana.

46

Referências Bibliográficas

GRAÇA, Luís. “História da saúde e segurança do trabalho”, *in* [HTTP://www.ensp.unl.pt/lgraça/textos15.html](http://www.ensp.unl.pt/lgraça/textos15.html) (Acesso em 12/04/2012).

Jornal de Coimbra, Coimbra, N. XVII, XVIII, XIX, XX, XXI, 1813.

MELO, Renato Soares de. *O relato dos acontecimentos em “saúde” na Província de Goiás: séc. XIX*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás/Pós-graduação e Pesquisa na Formação de Professores em História Cultural e Educação, 2007.

PAPAVERO, Nelson *et al.* *O Novo Éden: a fauna da Amazônia brasileira nos relatos de viajantes e cronistas desde a descoberta do rio Amazonas por Pinzón (1500) até o Tratado de Santo Ildefonso (1777)*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2002.

RAMOS, Luís de Oliveira (Org.). *Diários das Visitas Pastorais de D. Fr. Caetano Brandão*. Braga: Conselho Municipal, 1991.